

# MICROSCÓPIO

Os que imaginavam haver uma só cousa importante — vencer a guerra — devem estar agora começando a perceber que outra, não menos importante e urgente, merecia considerar-se também com muita atenção: a organização do mundo após a guerra.

Terminada ainda não está a luta das armas e já vêm surgindo as complicações da paz, isto é, da nova distribuição de forças que a vitória há-de acarretar. Vemos, assim, a Inglaterra intervindo intempesivamente na constituição do gabinete italiano e vetando o nome do conde Sforza, de quem se poderá divergir, mas a quem não se pode tirar o mérito de haver recusado o seu apoio ao fascismo nascente, numa época em que os conservadores britânicos lhe manifestavam a sua condescendência. Vemos o general De Gaulle basear na potencia, na força militar toda a politica francesa e falar uma linguagem que não destoaria na boca dos militaristas germânicos. Vemos a Grécia, mal liberta da opressão do invasor, entregue à luta das facções. E vemos também, no meio do caos nascente, o obstinado silencio da Russia, silencio de quem sabe o que quer e se sente com forças para o alcançar.

Por que tudo isto? Por varias causas e, entre elas, por não se haver querido delinear a tempo, com sinceridade e clara visão, o novo mundo que se teria de edificar. O resultado ai o temos: acha-se à vista a victoria militar, mas o velho e estúpido mundo imperialista, longe de ruir, parece mais firme do que nunca.

Estará, pois, tudo perdido? Não o creio ainda. Fatores ainda existem, capazes de imprimir outra orientação aos acontecimentos. Um deles é os Estados Unidos, certamente, hoje, a menos imperialista das grandes potencias. Poder-se-ia dizer o Continente Americano, se, neste jogo internacional, tivessem as nações latinas do hemisferio mais clara a consciencia da sua responsabilidade.

Seja como for, é tempo ainda para o esforço decisivo.

7.12.944 RAUL PILLA